

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

KRISHNA EDMUR DE SOUZA CHAGAS

**INTEGRALISMO: FASCISMO OU FORMA DE REGRESSIVIDADE PRÓPRIA AO
CAPITALISMO BRASILEIRO?**

Uma análise das teses de José Chasin e Hégio Trindade

JUIZ DE FORA

2019

**INTEGRALISMO: FASCISMO OU FORMA DE REGRESSIVIDADE PRÓPRIA AO
CAPITALISMO BRASILEIRO?**

Uma análise das teses de José Chasin e Hégio Trindade

Monografia elaborada sob a orientação do Prof. Dr. Leandro Pereira Gonçalves e apresentada à Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF como sendo um requisito parcial para que a obtenção do título de Bacharel em História.

JUIZ DE FORA

2019

KRISHNA EDMUR DE SOUZA CHAGAS

**INTEGRALISMO: FASCISMO OU FORMA DE REGRESSIVIDADE PRÓPRIA AO
CAPITALISMO BRASILEIRO?**

Uma análise das teses de José Chasin e Hélgio Trindade

Relatório final apresentado à Universidade
Federal de Juiz de Fora, como parte das
exigências para a obtenção do título de
Bacharel em História

Juiz de Fora, 15 de Novembro de 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Leandro Pereira Gonçalves

Prof. Odilon Caldeira Neto

Dedico esse trabalho aos que me possibilitaram o acesso
ao conhecimento produzido na universidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais que me incentivaram todos os anos que estive na faculdade.

Agradeço ao meu orientador, Leandro Pereira Gonçalves, pela paciência, dedicação e orientação que possibilitaram que eu realizasse este trabalho.

Agradeço a esta faculdade e todo seu corpo docente que me proporcionaram as condições necessárias para que eu alcançasse meus objetivos.

E enfim, a todos que contribuíram para a realização deste trabalho, seja de forma direta ou indireta, fica registrado aqui, o meu muito obrigado!

RESUMO

Nesse trabalho será estudada a Ação Integralista Brasileira. O conteúdo da pesquisa está circunscrito em uma análise sobre o caráter do movimento integralista, a partir de duas posições vistas como basilares para a compreensão do tema. São essas posições as de Héglio Trindade e José Chasin. Cabe aqui analisar essas vertentes que discutem o integralismo, e a partir disso concluir se o mesmo se apresenta enquanto, um movimento fascista brasileiro. Ou então uma forma de regressividade própria do capitalismo brasileiro, que apresenta uma crítica romântica ao capitalismo, e apesar de algumas características similares, não pode ser caracterizado enquanto fascismo.

Palavras-chave: Héglio. Chasin. Integralismo. Fascismo.

ABSTRACT

In this research will be studied the Ação Integralista Brasileira. The research content is circumscribed in an analysis of the character of the integralist movement, from two positions seen as basic to understand the theme. These are the positions of Héglio Trindade and José Chasin. It is necessary to analyze these aspects that discuss the integralism, and from this point to conclude if it presents itself as a Brazilian fascist movement. Or a form of regressiveness typical of Brazilian capitalism, which presents a romantic critique of capitalism, and despite some similar characteristics, cannot be characterized as fascism.

Key-words: Héglio. Chasin. Integralism. Fascism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1. ANÁLISE DE CHASIN ACERCA DO INTEGRALISMO.....	11
1.1. A Gênese Histórica e Via Colonial.....	12
1.2. A Função Social do Integralismo.....	14
1.3. Diferenças entre integralismo e fascismo em suas gêneses históricas e funções sociais.....	17
2. A ANÁLISE DE HÉLGIO TRINDADE ACERCA DO INTEGRALISMO.....	20
2.1. A Respeito da Emergência do Chefe.....	20
2.2. Sobre a Gênese da Ideologia.....	24
2.3. A Natureza do Movimento.....	25
3. JOSÉ CHASIN E HÉLGIO TRINDADE, UM DEBATE METODOLÓGICO.....	31
3.1. Entre o mimetismo e a análise materialista.....	36
CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40

INTRODUÇÃO

A temática central a ser abordada nesse trabalho está inserida nos estudos da direita, especificamente sobre a Ação Integralista Brasileira. Mas num sentido mais específico o projeto pretende abordar a polêmica que envolve a caracterização ideológica da doutrina integralista. Para tanto o projeto analisa os estudos doutorais de dois clássicos para os estudos integralistas, Hélio Trindade¹ e José Chasin², com as teses “*Integralismo o fascismo brasileiro na década de 30*” e “*O integralismo de Plínio Salgado – forma de regressividade do capitalismo híper-tardio*” respectivamente, e ambas publicadas na década de 1970. E nesse sentido, pensando a análise dos dois autores acerca do integralismo, o enfoque do projeto será discutir, principalmente, a posição dos dois autores acerca do integralismo enquanto fascismo brasileiro, ou de uma caracterização própria, que não o configura enquanto uma ideologia fascista.

Em se tratando da tese de Chasin, o autor afirma que o integralismo não é fascismo, nem mesmo uma forma de fascismo tropical. O autor caracteriza o movimento enquanto uma forma de regressividade própria do capitalismo de Via Colonial³. De forma geral, essa regressividade própria brasileira representada pelo integralismo, se apresenta enquanto uma crítica romântica reacionária ao Capitalismo. Reacionária porque o movimento se comporta contra quaisquer das forças produtivas desenvolvidas pelo Capital, se portando contra toda modernização, que a eles é antinacionalista. E romântica porque idealiza esse atraso – já que o integralismo busca a volta às origens agrárias do país – como objetivo a ser seguido pela

¹ Doutor em Ciência Política pelo Institut d'Etudes Politiques de Paris/Université de Paris I (Panthéon-Sorbonne) e professor emérito da Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS).

² Doutor na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, ex-professor de filosofia na UFMG.

³ Aqui são abordados dois termos essenciais para a tese de José Chasin. Em relação à Via Colonial, Chasin está se referindo à forma de consolidação do capitalismo brasileiro. De inspiração em Marx para o nome – e para a proposta de análise –, Via Colonial lembra a forma com a qual Marx tratava da consolidação do capitalismo na França e Inglaterra, as – assim chamadas por Marx – Vias Clássicas. Em relação à regressividade, o termo aqui, para Chasin, determina conservantismo, conservadorismo, ou também reacionarismo. Para melhor esclarecer, cito um trecho em que Chasin comenta sobre a regressividade: “Se tomamos, agora, em consideração o sentido desta finalidade, anteriormente já explorado em abundância, nos seus componentes de espiritualismo, nacionalismo, “verdades da terra e da raça” e todas suas implicações, compreendemos que todo intermédio é a expressão de um máximo de conservantismo possível, ou, mais precisamente, corresponde -ao limite da máxima regressividade possível nas condições brasileiras, uma regressividade que, por assim dizer, se encolhe a um limite -dado para que seja pensável no universo prático, para que seja verossimilmente aplicável ao processo do real. Máxima regressividade possível que efetive, pelo menos, 'um bloqueio da expansão das forças produtivas, pois a regressividade implicada no plano estritamente doutrinário .é visivelmente impraticável, a ponto de nunca ter sido explicitada por inteiro, ficando simplesmente aludida numa.intangível esfera utópica.” (CHASIN, 1978, p.452)

nação⁴. Em contra ponto, o Fascismo representa algo totalmente diferente. Está ligado à industrialização tardia das economias de via prussiana, e a busca desses países para se tornarem potências imperialistas. Nesse sentido, o argumento de Chasin circunda dois eixos. Primeiro, através de uma análise imanente o autor compreende as diferenças – inclusive basilares, ou seja, dos interesses econômicos que cada um representa – entre os movimentos Integralista e Fascista. E isso por si, para Chasin, que, lembrando, está preocupado em compreender as coisas nas suas particularidades, onde, nessa perspectiva, não se pode compreender as coisas por associação; dois processos mesmo que muito similares, acontecendo em países diferentes, podem vir a serem processos completamente diversos, é impossível afirmar que o integralismo é fascismo. E segundo, tem a ver com a concepção da formação do ideal para o autor. Para Chasin, a formação do ideal, e nesse caso mais específico de ideologias, se dá em relação com a base objetiva, que nesse caso seria a forma de objetivação do Capitalismo no Brasil. E esse segundo eixo, aliado ao primeiro citado acima, se firma contra a formulação de que o integralismo seria uma importação, ou mesmo assimilação do fascismo – e por ser assimilação, um fascismo tortuoso, desajeitado. Seguindo essa formulação de Chasin, não é assim que surgem as ideologias. Para o autor, se o movimento surge, é porque as bases objetivas da realidade a qual ele se insere, o engendraram, e não algo exterior.

Hélgio Trindade, por outro lado, primeiro a pesquisar a AIB na universidade brasileira - e que, portanto, não há outra forma de mostrar respeito a obra do autor, se não fazendo uma análise crítica de sua proposição acerca do caráter fascista do movimento integralista - formula em sua tese, que o integralismo, é na verdade o fascismo brasileiro. Para isso, o autor utiliza de comparações entre variadas características de ambos os movimentos - o fascismo e o integralismo. E como justificativa, para provar a possibilidade de falar que o integralismo é fascismo, Hélgio fala da influência existente do nazismo em todo o mundo, influenciando inclusive os líderes da Ação Integralista Brasileira, a AIB.

Parte do que constitui as divergências existentes entre as teses de José Chasin e Hélgio Trindade, talvez um dos fatores principais que já de início aponta que os autores divergem na análise, é a metodologia usada por eles. Enquanto de um lado, José Chasin, teve como modo de pesquisa o que o próprio autor chama de “análise imanente”. Em que o autor faz determina toda sua pesquisa à análise do pensamento

⁴ Chasin determina como Romantismo – muito atrelado ao movimento literário do romantismo – a ode ao passado, e a defesa de um tempo anterior em que tudo era bom. Para tanto, cito uma nota de pé de página da tese de Chasin, em que o autor utiliza de grandes nomes da análise literária brasileira, como Antonio Candido, para apresentar sua posição acerca do romantismo. Ver também em (CHASIN, 1978, p. 248).

de Plínio Salgado através das obras do próprio autor. Por outro lado, Héglio Trindade, faz uma análise que foca em dois pontos. Um é o contexto histórico do surgimento do integralismo, e o outro é o relato oral dos militantes integralistas, que Trindade recolhe através de entrevistas. Portanto, para compreender o pensamento dos autores, há que se fazer uma análise da obra de cada uma, compreendendo as diferenças entre as metodologias de pesquisa utilizada pelos dois autores. Uma vez que, junto às divergências teóricas, a metodologia de análise diferente os leva a apresentar resultados diferentes quando analisando o mesmo objeto.

Para cumprir tal tarefa, será feito um estudo incessante e combinado, entre as obras de José Chasin, Héglio Trindade e os textos do Plínio Salgado - isso porque o Chasin, como método de análise para a formulação de sua tese doutoral, utiliza os textos de Salgado, e portanto, para verificar a contribuição de sua tese, é necessário verificar se o livro de José Chasin de fato captou o pensamento de Plínio Salgado. E isso exige, um estudo incessante para ambos os lados. Terminado o estudo de cada um dos autores basilares serão analisadas uma em relação à outra, por meio de um debate entre as duas posições acerca do integralismo. Findado esse processo, a análise deverá conter, ao fim da parte argumentativa do texto, uma conclusão acerca de qual posição melhor caracteriza o movimento integralista tal como ele foi. Isso será determinado de acordo com as premissas teóricas estabelecidas e concepções próprias acerca dos textos dos autores.

E para além disso, esse trabalho tem uma justificativa pautada na obtenção de resultados acerca da realidade, para que possamos melhor compreender o Brasil, e divulgar esse conhecimento entre a população que banca as universidades públicas. Estamos vivendo um momento propenso para se pensar sobre a direita brasileira, e isso motiva a pesquisa. Portanto espero que essa discussão sirva de base para outras pessoas que pensam investigar a direita brasileira. Discordando de Florestan Fernandes, que ao prefaciá-lo livro "*A ideologia curupira*" de Gilberto Vasconcellos, afirma ser o tema pouco importante, acho que é o contrário.⁵ Não podemos não debater a direita brasileira, a qual o integralismo muito nos diz sobre.

⁵ Para mais ver prefácio de Leandro Pereira Gonçalves em VASCONCELLOS (2017).

1. ANÁLISE DE CHASIN ACERCA DO INTEGRALISMO

Publicado pela primeira vez em 1978, em formato de tese de doutorado defendida na Escola de Sociologia Política de São Paulo - que depois seria anexada à Universidade de São Paulo (USP) -, o texto a ser analisado é uma tentativa de José Chasin de compreender o pensamento de Plínio Salgado, chefe da Ação Integralista Brasileira (AIB).

A seguinte obra a qual será analisada faz parte de uma intenção do autor em compreender a produção ideológica no Brasil, de modo que Chasin busca então o maior movimento de massas de caráter reacionário que ocorreu no Brasil, o Integralismo. Em que, nas palavras do autor

Fragmento da consciência social no Brasil, o integralismo continuava decifrado, oculto em convencional e abstrata definição como fascismo. Determinar sua efetiva natureza, especificá-lo na especificidade brasileira era projeto que se impunha com grande evidência, no imperativo mais vasto, até hoje sofrivelmente atendido, de examinar o conjunto, ou pelo menos os momentos principais, dos eventos ideológicos no Brasil. Foi assim, então, que de fato nasceu este estudo, e que se restringiu deliberadamente ao ideário de Plínio Salgado. (CHASIN, 1978, p. 23)

Se faz necessário compreender que essa intencionalidade de José Chasin, surge a partir da influência que o mesmo tem do filósofo marxista húngaro Gyorgy Lukács, influência constantemente apontada por Chasin, que na conclusão do texto aqui analisado afirma que sua crítica segue a “trilha das brilhantes indicações Lukácsianas” (CHASIN, 1978, p. 555). E essa influência se dá a partir de A destruição da razão de Lukács (LUKÁCS, 1953), em que o autor analisa o pensamento alemão desde Nietzsche até pensadores contemporâneos à sua época, tentando traçar uma linha do que o autor chama de irracionalismo Alemão, desembocando no Nazismo. Como afirma Antônio Rago - em uma entrevista acerca da trajetória de Chasin - acerca da influência de Lukács sob Chasin "Ele o fez fundamentado naquilo que Lukács, na Destruição da Razão, dizia que era o tripé metodológico: a análise imanente e da determinação social do pensamento pela análise da gênese e da função social" (SARTÓRIO; ASSUNÇÃO, 2008, p. 245). Chasin portanto, guiado pela crítica lukacsiana, busca compreender o integralismo brasileiro, compreendendo-o após a pesquisa como um irracionalismo, mas não o mesmo que o alemão, mas uma forma específica de irracionalismo produzida no Brasil.

Tomando Lukács como a principal influência inicial, Chasin parte para a pesquisa que durou 10 anos de sua vida, e que tem em Lukács somente um pontapé inicial para pensar a forma sob como lidar com o objeto, como umas resoluções metodológicas. Uma vez que, ao

iniciar a análise do objeto, Chasin se detém quase que somente dos textos plinianos, e esse aspecto fica visível no próprio texto.

Chasin então, em sua análise acerca do integralismo se detém a analisar a obra de Plínio Salgado. Como Chasin reconhece, apresenta limitações, porque havia outros influenciadores sob o movimento, mas que nenhum representava tanto o integralismo como Plínio Salgado, seu líder supremo.

1.1. A Gênese Histórica e Via Colonial

Devido à posição metodológica tomada por Chasin, de que para compreender um objeto ideológico, é necessário que se compreenda, entre outras coisas - já analisadas anteriormente – a gênese histórica desse objeto, Chasin faz apontamentos acerca da formação do capitalismo brasileiro. E para compreender a formação social do Brasil, Chasin parte de sua formulação própria que destaca a formação do capitalismo no Brasil como uma Via Colonial⁶.

A formulação da Via Colonial se insere no debate presente no marxismo brasileiro desde a década de 1950, mas que ganha maior força na década de 1960, quando Marx passa a ser estudado em algumas universidades, em que se destaca principalmente o grupo que se organizou para estudar o capital que posteriormente criaram o CEPAL. Desse grupo surgem importantes nomes para a intelectualidade brasileira, e é nesse momento que o debate sobre o caráter da formação capitalista brasileira – pensado através da utilização de Marx – se difunde pelos círculos acadêmicos, uma vez que, até então o marxismo era difundido no Brasil quase exclusivamente pelos espaços militantes, principalmente pelo PCB.

A partir de então, esse grupo da USP, além de ter por objetivo desvendar a obra de Marx, de maneira mais incisiva e rigorosa, diferente do que era difundido nas cartilhas que circulavam a militância, também travaram um debate acerca do caráter da formação nacional brasileira. De modo que, viam de forma crítica as resoluções rasteiras do PCB que hegemonizava o pensamento marxista da época, de que o Brasil tinha um modo de produção semifeudal, e que era necessário portanto passar por uma revolução burguesa, tal como passou a França e a Inglaterra.

E dentro desse debate que se insere as resoluções acerca da Via Colonial de Chasin, que surge enquanto uma crítica à posição mecanicista hegemônica no marxismo brasileiro,

⁶ Chasin desenvolve essas pesquisas em paralelo ao desenvolvimento da tese de doutorado. Ver mais em A miséria brasileira (CHASIN, 2000).

que tentava transpor a realidade dos países europeus centrais para o Brasil. Entretanto, Chasin busca efetivar essa crítica se utilizando da obra marxiana, e se esforça para apontar que, diferente do que a militância difundia, não havia em Marx uma única forma de um país transitar de modos de produção pré-capitalistas, para o capitalismo. Portanto, Chasin busca apontar através de Marx que a forma de entificação do capitalismo, se dá de diferentes maneiras, de acordo com diferentes realidades nacionais.

Mas a discussão avança para além desse ponto, de modo que, já em meados de 1960 e durante toda a década de 1970, os marxistas vão abandonando aos poucos essa tese do feudalismo brasileiro, e começam a se utilizar da tese leniniana acerca da Via Prussiana. E a partir de então, muitos autores importantes ao marxismo - como Carlos Nelson Coutinho - começam a utilizar da categoria “Via Prussiana” para explicar a formação do capitalismo no Brasil. Chasin portanto dialoga com a categoria leniniana, reconhecendo sua importância por reconhecer que existem vias não clássicas (francesa e inglesa) de formação do capitalismo, e o reconhecimento de sua consolidação tardia. Mas ao mesmo tempo aponta críticas à utilização por parte dos marxistas brasileiros que se valem da categoria “Via Prussiana” para tentar explicar a formação social brasileira.

Essa crítica à utilização da categoria “Via Prussiana” é guiada pela mesma crítica feita àqueles que tentaram transpor a realidade francesa ao Brasil. De acordo com Chasin, a Via Prussiana, tal como a via clássica da formação do capitalismo, pouco tem em comum com a nossa formação social. E isso porque, a realidade do Brasil enquanto ex-colônia, construída em torno da exploração escravista da mão de obra, que não participou da corrida imperialista pelo continente africano – tal como França, Alemanha e Inglaterra – entre outras diversas particularidades nacionais, teve uma formação do capitalismo completamente diferente desses países. E por diversos fatores, a entificação do capitalismo no Brasil não foi somente tardia, como o caso da Alemanha, mas hipertardia.

Esse é o contexto que Chasin desenvolve a tese da Via Colonial, em que, como dito anteriormente, o autor tenta compreender a particularidade da forma de entificação do capitalismo brasileiro. E sem chegar a grandes conclusões efetivas, que demandariam estudos mais densos da realidade nacional, essa tese surge enquanto um apontamento inicial para começar a se pensar o Brasil a partir da posição de Marx, sem cair nos mecanicismos reducionistas que não compreendem as especificidades nacionais. Desse modo, mesmo sem aprofundar muito, chega a determinadas conclusões que devem ser aqui destacadas, devido a sua importância enquanto base objetiva específica do Brasil, que é condição de gênese

histórica dos diversos pensamentos que surgem e ganham força no Brasil no século XX – e aqui destaca-se o Integralismo que é objeto de estudo do Chasin nesse livro.

1.2. A Função Social do Integralismo

As formulações que debatem a função social do pensamento presentes no texto de José Chasin, apontam que para o autor, essa função social mostra como o pensamento está ligado à realidade objetiva das pessoas que pensam. De modo que, o pensamento enquanto uma tentativa de apreender – bem como dar respostas – aos problemas postos na realidade, está necessariamente ligado intimamente com essa realidade a qual busca pensar sobre. E para Chasin, não é diferente em se tratando do Integralismo. Portanto, para Chasin, o Integralismo se apresenta enquanto um movimento específico da realidade brasileira, que por tentar responder problemas da realidade nacional, não pode ter outro paralelo no mundo. Isso é importante para apresentar um debate que será apontado posteriormente nesse trabalho, que discute as diferentes posições de Chasin e Héliogio, acerca do caráter fascista ou não do movimento Integralista. No momento, cabe uma análise mais detida acerca dos principais aspectos que Chasin aponta como determinantes da função social do integralismo, buscando compreender objetivamente quais são as principais ideias de Plínio, e o que é o integralismo – seus princípios e objetivos - de acordo com o próprio.

O primeiro aspecto que se destaca pela própria ênfase que Chasin dá em seu texto diz respeito à posição de Plínio acerca da modernização industrializante do capitalismo, e sua posição de crítica romântica - ou seja, aquela que propõe um recuo das forças produtivas - ao capitalismo, apontando para uma volta aos campos rumo ao interior brasileiro. Destacar esse ponto aqui na exposição do texto de Chasin, não é meramente casual, mas tem importância na medida em que o próprio autor, ao analisar a obra literária de Plínio, aponta o aspecto ruralista como “viga mestre” de sua ideologia

Centrada, pois, a questão em seus pontos básicos, principiemos pelo nódulo essencial, pela chave da estrutura ideológica de Salgado; a sua postulação ruralista, viga-mestra afirmativa de m pensamento, cuja dimensão crítica é a denúncia da civilização urbano-industrial. (CHASIN, 1978, p. 242)

De acordo com Chasin, o aspecto ruralista da obra pliniana pode ser observado em diversos momentos de sua obra. Em que, na literatura, essa posição se apresenta quando Plínio descreve os vilões e heróis presentes em seus livros. Em que, quanto mais perto das cidades industriais, grandes centros urbanos, e principalmente de centros urbanos europeus ou

norte-americanos, mais se destaca o caráter negativo do personagem. Essa afirmação se faz visível em “O Estrangeiro” de Salgado, em que

O urbanismo é a morte da nacionalidade (o grifo é nosso). Porque é a morte do homem transformado no títere cosmopolita. O homem degrada-se em contato com o homem; só a íntima correspondência com a Natureza o eleva da condição universal de símio”. É deste Juvêncio que Heitor Marçal, membro da AIB, dirá, em 1936, pouco mais de um ano antes, portanto, de sua extinção legal, que se trata do “primeiro integralista do Brasil – lutando contra a absorção e o desaparecimento da Pátria”. E, finalizando sua crônica, emite, relativamente ao conjunto do romance, seu conceito final: “O Estrangeiro foi uma advertência ao brasileiro/.../. E foi também um grande conselho, que o hoje o integralismo mostra que foi ouvido. (CHASIN, 1978, p. 250)

E por outro lado, quanto mais o personagem se aproxima da vida rural, mais perto está de se apresentar enquanto o herói das obras plinianas. É necessário saber, entretanto, que entre o herói, o “jeca”, e o vilão industrial cosmopolita, existe na obra de Salgado personagens que se encontram no meio termo. Mas esse aspecto em defesa do ruralismo, se apresenta também, como dito anteriormente, em outros momentos da obra do autor. E fica visível, por exemplo, em seus textos políticos, na época em que era ainda um deputado do PRP, sai em apoio a Júlio Prestes sob a justificativa de voltar à terra

Palavras produzidas por uma mentalidade de novo tipo que "com certeza prevê, como prevemos todos, que se o Estado de São Paulo não der impulso, de preferência a tantas indústrias artificiais, à sua vida rural, perderá pouco a pouco o espírito de resistência nacional com as consequências históricas cuja extensão não poderemos adivinhar. Decorrentemente, precisamos "exatamente, do que Júlio Prestes indica na sua concisa simples e acertadíssima plataforma: incrementar, desenvolver a agricultura; dar recursos de higiene às populações rurais; alfabetizá-las (e naturalmente, com o alfabeto, entrará o espírito nacional), fazer estradas, facultar na medida do possível, à lavoura, os recursos de crédito que os nossos institutos bancários ainda não lhe puderam dar. Numa palavra: rumo à terra! (CHASIN, 1978, p. 315)

Bem como também em textos políticos do período da AIB

O menor volume de produção em confronto com a produção agrícola. Quanto mais a máquina se aperfeiçoar, quanto mais eficiente ela se tornar, teremos como consequência: a vulgarização em massa dos artefatos, o aumento da oferta, pelo barateamento e perfectibilidade dos produtos. Dentro das próprias leis da Economia Clássica, a predominância do produto agrário sobre os produtos industriais vai ser uma fatalidade neste século. Uma fatalidade que virá do próprio progresso técnico. Eis por que- este novo' século, ainda nisso se parece com os tempos primitivos das sociedades humanas: ele retornará. à grandeza da agricultura. Nesse dia, que não está longe, os países de vastos latifúndios terão hegemonia econômica. Não deve assaltar-nos a. meno dúvida, em afumar, que antes do crepúsculo do século XX, a América do Sul,

e particularmente o Brasil, terão uma importância econômica decisiva no mundo. (CHASIN, 1978, p. 548)

Essa posição ruralista contra a modernização técnica de Plínio, permeia todos os outros aspectos de sua ideologia. Onde destaca-se sua posição anti-cosmopolita, que é contrária não necessariamente às nações exteriores, bem como estrangeiros, mas o avanço técnico trazido por esses. De modo que, para Plínio, os estrangeiros podem vir para o Brasil, contanto que se tornem adéquos à forma de vida rural.⁷

Outro aspecto importante a ser destacado acerca da propositura Integralista, destacado por José Chasin, diz respeito ao anticomunismo e antiliberalismo. De modo que, é consenso entre a historiografia que analisa o Integralismo, os dois aspectos presentes no movimento. Entretanto, Chasin apresenta uma nova posição acerca da relação de Plínio com o comunismo, em que o integralismo não o veja como o grande inimigo, mas na verdade o liberalismo. E nesse sentido, Chasin aponta que o anticomunismo presente na obra de Plínio, é utilizado principalmente como recurso argumentativo. Isso porque Plínio aponta o comunismo como o fim para qual caminha o capitalismo. De tal modo que o capitalismo, ao se desenvolver plenamente, acabaria, inevitavelmente levando a humanidade ao comunismo. Sendo assim, se aproveitando do anticomunismo presente no cotidiano brasileiro, Plínio se utiliza do anticomunismo como uma forma de criticar o liberalismo. E Chasin, na tentativa de provar essa proposição, reproduz um certo número do jornal A razão, em que Plínio só fala de comunismo quando quer criticar o liberalismo

De maneira que, como se terá notado, intervêm distinções de grau e natureza na formação e desenvolvimento das nações. O Brasil é jovem, enquanto as civilizações europeias são velhas. Estas evoluíram na linha industrialista, enquanto o Brasil tem, supostamente distinto, seu próprio “curso normal de formação”. É o que Salgado busca frequentemente assinalar; e o faz, de modo direto, ao afirmar que, para o Brasil, é “o fenômeno comunista antecipação histórica talvez de muitos séculos”, ou de modo indireto, quando a propósito das questões sociais europeias, indaga: “Está o Brasil em idade de sofrer as dúvidas e as angústias que acabrunham a Europa? Devemos transplantar para aqui os problemas dos povos fatigados?”; ou ainda, ao perguntar, em face do confronto entre comunismo e fascismo: “Será esse o dilema para os jovens povos da América?” (CHASIN, 1978, p. 205)

⁷ Como apresenta o trecho: “Humberto, apesar de italiano, não é estrangeiro. O italiano traz para aqui uma força de íntima coesão, que o mantém de pé e o faz aliado da terra”. De modo que, assimilado pela terra, a ela permanentemente dedicado, e gerando brasileiros com a filha de Indalécio, é agente da restauração da grandeza cabocla e, nessa medida, afluente da magnitude de Zé Candinho, o legítimo portador da nacionalidade. (CHASIN, 1978, p. 252)

De modo que Chasin aponta que o problema da crítica feita ao integralismo até sua época, era tentar identificá-lo com o fascismo, de modo que não conseguiam efetivamente compreender o caráter específico do anticomunismo de Plínio

Obviamente Salgado é um anticomunista intransigente. Todavia, mesmo neste ponto, mais do que pacífico, a crítica convencional não tem conseguido estabelecer nas devidas proporções o perfil da questão. Tudo porque a análise tem se cingido à arte de assimilar o integralismo ao fascismo. O fascismo não combateu violentamente o comunismo, não foi um de seus inimigos mais ferozes? Há, pois, na angulação da crítica convencional, que estabelecer o paralelismo, e encontrar idêntica situação em face do integralismo, ainda que seja pela via analógica, tão pouco recomendável e comprometedora. (CHASIN, 1978, p. 299)

Coube aqui apresentar alguns aspectos da análise de José Chasin acerca do Integralismo. Entretanto há que se compreender que não cabe aqui a exposição de toda a pesquisa do autor, que exigiria um trabalho de outras proporções, que não cabem à monografia. Portanto, as escolhas de temas abordados aqui, cumprem uma função específica de apresentar o ponto crucial do debate historiográfico existente entre a posição de José Chasin e Hélió Trindade. A saber, o problema da caracterização - ou não - do integralismo brasileiro, com os fascismos europeus. Entretanto, essa apresentação da obra de Chasin, bem como a apresentação que se segue da obra de Hélió Trindade, não tem função mais pretenciosa que preparar o leitor – apresentando aspectos basilares da análise de cada um – para o último capítulo desse trabalho, em que é discutida a posição de ambos através de suas respectivas teses doutorais.

1.3. Diferenças entre integralismo e fascismo em suas gêneses históricas e funções sociais

Como dito anteriormente, para Chasin, o que explica o caráter de determinada ideologia, são suas relativas gêneses históricas, e funções sociais. Desse modo, preocupado em provar a impossibilidade de analisar o integralismo enquanto uma ideologia fascista, busca apontar ao longo do texto, as diferenças essenciais de gênese histórica e função social entre integralismo e fascismo.

Acerca da diferença de gênese histórica, Chasin destaca que a Alemanha, nas décadas de 20 e 30, estava em avançado estágio de industrialização, competindo com a França e a Inglaterra por mercados consumidores e matérias primas, em países da África e Ásia, na chamada corrida imperialista. Enquanto, o Brasil, no mesmo período, na concepção de Chasin, estava fora dessas disputas, e diferente da Alemanha que disputava em níveis de

produtividade industrial com a Inglaterra, o Brasil era um país economicamente subordinado, de base econômica agroexportadora. A partir de então, para Chasin, afirmar que o fenômeno fascista poderia ocorrer no Brasil, significava:

Igualizar a realidade de um país economicamente subordinado, predominantemente agroexportador com a de países altamente industrializados e que já atuam, dentro de particularidades históricas específicas, com polo dinâmico do grande capital. (CHASIN, 1978, p. 37)

É essa a argumentação, pautada nas diferenças econômicas substanciais entre a Alemanha e o Brasil, que Chasin utiliza para destacar as diferenças de gênese histórica entre os países comparados.

Em relação à função social que o fascismo cumpre, quando comparada com a função social integralista, Chasin destaca principalmente a dissonância entre a posição ruralista integralista - já apontada acima – e a posição industrializante do Fascismo. As considerações acerca do caráter ruralista do integralismo, destacadas por Chasin, já foram apontadas acima, cabe aqui portanto apresentar a argumentação utilizada por Chasin para provar o caráter industrial do movimento fascista.

Surgido em países de consolidação tardia do capitalismo, as ideologias fascistas, de acordo com Chasin – que se apossa da análise de Lukács sobre o fascismo –, surgem como uma forma de avançar as forças produtivas em velocidade extrema, sem os entraves de ideologias liberais e movimentos operários, como houveram na França e Inglaterra durante o século XIX. Isso porque, segundo Chasin, a Alemanha já estava atrasada nessa disputa, portanto, precisava, em poucas décadas, avançar o que a França e a Inglaterra tiveram um século para fazer.

No período imperialista, vemos como o capitalismo alemão deixa pra trás o inglês, que até então marchava à frente na Europa; e a Alemanha se converte, junto com os Estados Unidos, no país capitalista mais desenvolvido e típico do mundo (LUKÁCS apud CHASIN, 1978, p. 38)

Essa posição de fascismo frente à industrialização em que “não há dúvida de que Hitler e os que o apoiam /.../ consideram o chanceler partidário da ordem e da grande indústria” (MAX GALLO apud CHASIN, 1978, p. 38) coloca-o em razão oposta do ruralismo anti-industrializante de Plínio. Chasin entretanto destaca outro aspecto acerca da função social que integralismo e fascismo apontam para direções contrárias, a saber, a forma de lidar com as demais nações. O integralismo de Plínio, apontava claramente para um anticospolitismo, no qual o Brasil deveria se voltar para si, e não interferir – nem

tampouco sofrer interferência de nações estrangeiras. Por outro lado, o nazifascismo europeu, de acordo com Chasin, caminhavam para a guerra imperialista. E tinha a guerra como objetivo, porque só através dela, poderia disputar os mercados consumidores africanos e asiáticos sob mando da França e Inglaterra – que estavam à frente na corrida imperialista por terem se unificado e industrializado antes da Alemanha.

2. A ANÁLISE DE HÉLGIO TRINDADE ACERCA DO INTEGRALISMO

Nesse capítulo analisaremos o livro de Héglio Trindade "*Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930*" defendido como tese de doutorado pela Universidade de Paris, em 1971. O seguinte livro apresenta uma análise por parte de Trindade acerca do movimento integralista brasileiro, e suas, destacadas pelo autor, similitudes com o movimento fascista europeu.

Trindade, em sua tese, divide sua análise em três momentos constitutivos distintos do seu próprio objeto. Isso resulta numa divisão da própria apresentação do livro, que é dividido essencialmente em três partes. A primeira diz respeito ao período entre a década de 20, que corresponde com o período de construção intelectual de Plínio Salgado. A segunda parte do livro aborda o período de “gênese da ideologia”, e corresponde ao período entre 1930 a 1932, que diz respeito ao período imediatamente anterior à construção da AIB, e as movimentações de Plínio que o levaram à direção da construção do movimento supracitado. O terceiro momento da exposição da tese analisa o movimento integralista em si, com a análise focada às produções entre 1932 e 1937 – o tempo de vigência legal da AIB -, buscando destacar o caráter do movimento integralista brasileiro. De acordo com Trindade, acerca de sua tese:

Nosso trabalho divide-se em três partes: a primeira, “Emergência do Chefe”, analisa o período de 1918 a 1930, durante o qual a mutação da sociedade brasileira se esboça e o Chefe integralista, Plínio Salgado, amadurece intelectual e politicamente; a segunda, “Gênese da Ideologia”, concerne ao período pré-integralista de 1930 a 1932, marcado pela Revolução de 1930; enfim, a terceira, “Natureza do Movimento”, é consagrada inteiramente ao estudo dos militantes, da organização e da ideologia integralistas. (TRINDADE, 1974, p. 3)

Além disso a tese de Héglio Trindade conta com entrevistas – as quais serão analisadas posteriormente nesse trabalho -, feitas com antigos militantes e chefes integralistas.

2.1. A Respeito da Emergência do Chefe

Nessa primeira parte de sua tese, como dito acima, Trindade destaca o período da década de 1920 como o período de formação intelectual do chefe integralista. Entretanto, podemos dividir essa primeira parte da obra do autor em dois construtos argumentativos centrais destacados. O primeiro está ligado à apresentação das transformações objetivas da sociabilidade brasileira, que tornam possível que posteriormente, em 1932, surgisse a AIB. E

o segundo, diz respeito à própria construção da subjetividade de Plínio nesse período, quando se depara com essas transformações da sociedade brasileira. Nas palavras de Trindade:

Na primeira parte, são analisados os fatores que explicam o significado da evolução ideológica do Chefe integralista conforme seu itinerário político na sociedade em transição dos anos 20. Não se pode compreender sua evolução, desde sua adesão ao sistema tradicional republicano até sua ação ideológica integralista, sem inseri-lo na história do pós-guerra. (TRINDADE, 1974, p. 3-4)

Dito isso, exponhamos primeiro a primeira temática abordada nessa parte da obra, as transformações da década de 1920 destacadas por Salgado.

Hélgio Trindade, em sua argumentação, destaca uma série de acontecimentos como essenciais para a década de 1920, e a transformação que surge no Brasil. E destaca principalmente para tanto o ano de 1922, em que aponta quatro acontecimentos enquanto centrais que se destacam enquanto figuras simbólicas embrionárias das transformações que se passam no período. De acordo com Trindade:

O ano-chave do período é 1922. Nele eclodem quatro acontecimentos simbólicos que contêm, em embrião, a mutação da sociedade brasileira entre as duas guerras mundiais. A semana da Arte Moderna, em fevereiro, desencadeia a revolução estética; uma nova etapa da organização política da classe operária se delineia, em março, com a fundação do Partido Comunista Brasileiro; a criação do Centro D. Vital, ligado à revista A Ordem, de orientação católica, prenuncia a renovação espiritual; e, finalmente, a primeira etapa da revolução política tenentista irrompe, em julho, com a rebelião na Fortaleza de Copacabana. (TRINDADE, 1974, p. 7)

As transformações da década de 1920 das destacadas por Trindade em seu livro são: mudança socioeconômica, contestação do sistema político e mutação ideológica.

Acerca da transformação socioeconômica que acontece nesse período, Trindade destaca o avanço acelerado da indústria no período, e junto a isso a eclosão de uma “violenta luta social” de acordo com Trindade (TRINDADE, 1974, p. 8). Citando Werneck Sodré, Trindade afirma que essa industrializa o na década de 1920   impulsionada pela Primeira Guerra, devido   necessidade imposta aos países periféricos de produzir nacionalmente mercadorias que antes só importavam, devido   escassez de comercializa o mundial de alguns bens, ocasionada pela Primeira Guerra Mundial. De modo que Trindade defende a tese da industrializa o brasileira pelo modelo de substitui o das importa es, que nas palavras do próprio autor:

A importância da mudança econômica na década de 1920 decorre do fato de que ela representa a transição de uma economia baseada na exportação dos produtos primários (“modelo primário-exportador”), para uma economia que se industrializa progressivamente, bloqueada que está na sua capacidade de engenderar novas divisas para as importações (“modelo de substituição das importações”). (TRINDADE, 1974, p. 8)

É importante destacar essa posição de Trindade acerca da transformação econômica no Brasil do período, porque é o que fundamenta a argumentação do autor acerca da argumentação sobre a possibilidade do surgimento das organizações proletárias, ou mesmo frentes orientadas politicamente à esquerda – como é o caso do PCB e da ANL respectivamente. Isso porque, o que se vê no Brasil é, de acordo com Trindade:

Embora a atividade econômica dominante no pós-guerra esteja ainda ligada à exportação do café, o marco divisório entre os dois modelos constitui a crise de 1929. No fim da década de 20, portanto, o pólo dinâmico se desloca na direção do mercado interno, reforçando o desenvolvimento industrial e urbano. (TRINDADE, 1974, p. 9)

Portanto, Trindade aponta que a substituição de importações foi importante para o avanço de uma certa industrialização no Brasil, que por consequência acentuou o desenvolvimento urbano e industrial. Esse desenvolvimento, é o que por fim permite “A formação de um operariado” que “provoca nos principais centros urbanos, sob a ação de vanguardas operárias anarquistas, as primeiras agitações sociais” (TRINDADE, 1974, p. 9). Trindade destaca, entretanto, que apesar das diversas lutas sociais encampadas no período, a ascensão do proletariado urbano organizado e o PCB, o proletariado em 1930 “participará apenas de maneira marginal na transformação do sistema político em 1930” (TRINDADE, 1974, p. 15).

Trindade aponta também para as contestações ao sistema político vigente na época. De acordo com Trindade, essas contestações têm origem nas transformações sociais no Brasil nos primeiros anos do século 20, que criou no Brasil uma burguesia, bem como um proletariado. Entretanto, afirma Trindade, “A burguesia, assim como o proletariado, não terá um papel político importante durante esse período.” (TRINDADE, 1974, p. 16). Isso faz com que por um lado os trabalhadores protagonizem revoltas sociais, como citado acima, e a burguesia, por outro lado, denuncie cada vez mais o sistema político oligárquico (TRINDADE, 1974, p. 16).

Em relação à mutação ideológica durante a década de 20 – como citado acima -, Trindade destaca que “Da proclamação da república até a Primeira Guerra nenhuma mudança

significativa ocorre no plano das ideias” (TRINDADE, 1974, p.19). E segue defendendo que as transformações ideológicas no Brasil até a década de 1930, ocorreram essencialmente na década de 1920. O que deve ser destacado aqui portanto, não é tanto as transformações ideológicas em si, mas o enfoque que Trindade dá ao “plano das ideias” desse período, para a formação do chefe integralista. Em que Trindade afirma:

A transformação das ideias no Brasil do pós-guerra está no centro da problemática política de Plínio Salgado, e para compreender o conteúdo ideológico do integralismo torna-se indispensável penetrar no sentido da mutação das idéias na década de 1920. (TRINDADE, 1974, p. 19)

Bem como

Sobre o período, nossa hipótese é que a revolução literária e artística modernista terá sobre Salgado uma influência mais importante que a contestação política ligada às insurreições “tenentistas”, cujo ciclo termina com a vitória dos revolucionários de 1930. (TRINDADE, 1974, p. 3-4)

Das ideias que surgiram no período, Trindade destaca três em especiais, que de uma forma de outra, ou estiveram presentes, ou sofreram influência da Semana de Arte Moderna: “o despertar nacionalista”, “a revolução estética” e “a renovação espiritual”.

Ao findar a exposição acerca das transformações do período que explicam o contexto no qual surge Plínio Salgado, cabe destacar os pontos que se sobressaem na tese do autor, que debatem o problema da construção da subjetividade de Salgado durante esse período. Em que se destacam duas explicações principais sobre o pensamento de Salgado, a construção do seu nacionalismo, e sua guinada ao debate político.

Hélgio Trindade afirma que o nacionalismo inicial, presente no pensamento de Salgado, surge sob a influência direta do modernismo. E Trindade prova essa posição se utilizando de obras literárias de Salgado da década de 1920, em que o autor busca retratar personagens típicos brasileiros – dando enfoque aos rurais como os heróis de seus romances. Desse modo, é possível afirmar que a obra literária de Salgado, bem como o seu nacionalismo, está ligada às discussões promovidas pelo modernismo, e seus enredos, bem como sua posição ideológica posta nas obras se assemelham a obras de outros romancistas verdameirelistas que produziram no período.

Como apontado no excerto acima, Trindade destaca também a metamorfose do pensamento de Salgado, que caminha da crítica e produção literária, à crítica e formulação política. Nas palavras de Trindade:

A publicação, em 1926, do romance *O Estrangeiro*, fixa o marco inicial da mutação ideológica do futuro chefe integralista [...] Depois, os ensaios reunidos, em 1927, no volume *Literatura e Política*, estabelecem a transição do diletantismo ao engajamento. Enfim, os dois outros romances sociais, *O Esperado* e *O Cavaleiro de Itararé*, publicados respectivamente em 1931 e 1932, são obras impregnadas de problemática política (TRINDADE, 1974, p. 48-49)

E nesse momento – tal como Chasin – Trindade destaca o posicionamento crítico de Salgado ao desenvolvimento industrial, e urbano que permite o avanço da luta de classes e do cosmopolitismo. É a partir de então que Salgado, de acordo com Trindade, chega à crítica da Primeira república não por via da contestação política *sui generis*, mas devido à “efervescência ideológica das elites intelectuais no após-guerra que resulta da confluência entre o despertar nacionalista, a revolução literária e a renovação espiritual.” (CITAR TRINDADE P. 49).

2.2. Sobre a Gênese da Ideologia

Na segunda parte do livro de Trindade, em que o autor apresenta a gênese da ideologia integralista no pensamento de Plínio Salgado, o autor foca em destacar o conhecimento do fascismo por parte de Salgado, bem como sua aproximação em relação às suas posições. Trindade destaca que Salgado conheceu o fascismo durante uma viagem à Europa, onde de acordo com o autor:

Os contornos definitivos da ideologia em elaboração se definem durante sua viagem ao Oriente e à Europa, de abril a outubro de 1930. Desiludido com o partido ao qual pertencia, Salgado medita sobre a política brasileira à luz da experiência europeia da época. Neste período, a idéia fascista se insinua de forma explícita em seu espírito. (TRINDADE, 1974, p. 73)

E apontando essa aproximação com o fascismo enquanto crucial ao período, Trindade ao longo dessa parte do livro, aponta os principais desenvolvimentos intelectuais de Salgado na época, bem como a conjuntura com a qual ele se relaciona. Destaca-se então a participação de Salgado enquanto redator chefe do jornal “*A Razão*”, a publicação de um de seus romances mais famosos “*O Esperado*”, bem como a publicação de alguns manifestos, a união de alguns intelectuais – muitos que depois estariam na AIB -, e por fim, a criação da AIB (TRINDADE, 1974, p. 73).

Nessa parte do livro, em específico no capítulo 2, Trindade chama atenção ao surgimento de uma aura autoritária durante o período. De acordo com Trindade “A ascensão da direita na época de 1930 caracteriza-se também pela organização de vários movimentos de inspiração fascista” (TRINDADE, 1974, p .103). Quase todos eram movimentos evidentemente marginais e com pouca capilaridade, mas é importante destacar que a AIB não sozinho, mas pelo contrário, havia uma base social e intelectual efetiva que possibilitou o surgimento da organização - de acordo com Trindade – de cunho fascista.

O objeto analisado nessa parte do livro, que nos é mais interessante ao trabalho em questão, é a exposição de Trindade acerca da fundação da AIB. Em que, como destacado anteriormente, pesa sobre sua fundação, o contexto da ascensão da direita, bem como a atuação de Salgado no jornal A Razão, entre outros fatores acentuados por Trindade em capítulos anteriores. Em especial, uma organização que é conhecida tanto por Chasin, como por Trindade, enquanto uma predecessora da AIB, a SEP (Sociedade de Estudos Políticos). Trindade afirma que os princípios da SEP “devem servir de contexto ideológico aos debates políticos (cujo conteúdo é aliás muito próximo do Manifesto Integralista de 1932)” (TRINDADE, 1974, p. 117). De modo que, foi através da SEP, que teve duração curta com alguns encontros, que Salgado pôde reunir uma gama de intelectuais de extrema-direita ao longo do Brasil. Fazendo com que por um lado Salgado ganhe espaço e visibilidade na cena política, e por outro, aproxime pessoas influentes – como Olbiano de Mello - de si. É inegável a importância que a SEP teve para o sucesso posterior da AIB enquanto movimento político. E por fim, já em 1932, em sequência da revolta paulista, Salgado publica o Manifesto Integralista, convocando seu público para a construção da AIB.

2.3. A Natureza do Movimento

Nessa terceira e última parte de “Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30”, Trindade analisa a AIB em si, destacando principalmente três pontos, que se organizam em três capítulos. O primeiro sob o nome de “Os militantes”, Trindade faz uma análise da composição social dos militantes que compõe a AIB, bem como as motivações que fizeram com que aderissem à organização integralista. No segundo capítulo Trindade analisa a organização em si, e sua forma de agir e estruturar-se. E finalmente no terceiro capítulo, Trindade se detém em analisar a ideologia da AIB em si. Como o objetivo do texto aqui apresentado não é fazer um resumo da obra do autor, não seguirei aqui apresentando capítulo

por capítulo. Mas sim destacando as análises que mais sobressaem na obra do autor, e quem têm importância para o debate com José Chasin a ser desenvolvido no capítulo seguinte.

O primeiro capítulo já tem sua importância destacada, por abordar um tema que foge à análise de José Chasin, a saber a necessidade de se analisar a composição social dos militantes Integralistas, que de acordo com Trindade é importante na medida que aproxima a AIB, dos movimentos fascistas na Europa:

Um dos critérios utilizados para determinar a natureza do integralismo é a comparação entre a estrutura social da AIB com a dos fascismos europeus. Ainda que as informações sobre a base social dos movimentos fascistas na Europa sejam bastante fragmentárias, elas relevam a preponderante adesão de certas camadas sociais, ao menos nos casos do fascismo italiano ou do nacional-socialismo alemão. (TRINDADE, 1974, p. 129)

Ao buscar compreender a composição social dos militantes integralistas, Trindade se vale de um método de análise - que também diverge da análise de José Chasin -, que se utiliza de entrevistas com antigos militantes. A partir de questionários aplicados, Trindade busca, entre outras conclusões, descobrir a composição social desses militantes.

Com a pesquisa, Trindade conclui que a composição social dos integralistas, mudam de acordo com o cargo que ocupam. Desse modo o autor inicia apresentando a caracterização dos dirigentes nacionais e regionais, e depois dos militantes locais. Trindade afirma que os dirigentes nacionais e regionais eram constituídos basicamente por profissionais liberais da camada média da população, junto a alguns jovens oficiais do exército (TRINDADE, 1974, p. 131). Nos núcleos regionais, a composição social se transforma amplamente, de modo que:

Neste nível, o grupo majoritário é a pequena burguesia formada pelos burocratas dos setores públicos e privado, que representa cerca de 40% do conjunto dos dirigentes e militantes locais, ainda que as camadas populares (operários de indústrias, trabalhadores agrícolas e independentes) constituíam quase um quarto da base do movimento. Esta estrutura social inverte totalmente a composição sócio-profissional verificada ao nível da direção nacional e regional: três quartos dos aderentes locais são provenientes da pequena burguesia ou das camadas populares, ao passo que a média burguesia ou militar não ultrapassa a um quarto do total. (TRINDADE, 1974, p. 136)

No segundo capítulo, em que Trindade destaca a forma de organização da AIB, é importante ressaltar a posição que o autor toma, que o faz afirmar a necessidade de compreender a estrutura organizativa do integralismo. De acordo com o Trindade estudar sua estrutura organizativa é “importante para definir a natureza do movimento” (TRINDADE, 1974, p. 161). Na medida em que a estrutura hierárquica proposta por Salgado, tendo a si

mesmo como o chefe supremo da AIB estabelece “as bases de uma estrutura estatal”, fazendo com que a organização da AIB seja “não somente um meio eficaz voltado para a ação política, mas um instrumento de elaboração e experimentação, em escala reduzida, do Estado Integralista” (TRINDADE, 1974, p. 161). Ou seja, a organização burocrática da AIB preconiza uma organização estatal. Deste modo, a organização da AIB - de acordo com Trindade –, cumpre três funções principais à AIB:

A organização integralista desempenha, pois, uma tríplice função: fornecer ao chefe meios poderosos para dirigir o movimento; realizar uma experiência pré-estatal ao nível da organização, inspirada no modelo teórico do Estado Integral; constituíram-se num instrumento de socialização político-ideológica dos aderentes. Por isso, torna-se necessário distinguir no conjunto da organização três aspectos que definem sua natureza burocrático-totalitária: o Chefe, fonte da legitimidade do sistema; a estrutura pré-estatal e os meios de socialização ideológicos. (TRINDADE, 1974, p. 162)

Por fim, Trindade destaca a importância da organização burocrática e hierárquica da AIB, para a socialização de sua ideologia. De modo que essa forma de organização, propõe aos seus quadros não somente uma disciplina militante, mas uma educação moral, no intuito claro de difundir uma nova forma de efetivação do homem - efetivação moralista e conservadora - na vida privada. De acordo com Trindade a organização da AIB “prevê uma série de mecanismos e atividades destinadas à transmissão de valores, símbolos e estilos de comportamento compatíveis com a concepção de sociedade e Estado integralistas” (TRINDADE, 1974, p.188). Dentre esses preceitos morais e valorativos difundidos pela AIB, Trindade destaca alguns em seu texto, como o culto à imagem do chefe, a saudação “Anauê!”, a difusão do sigma, entre outros símbolos e condutas. Ainda nesse capítulo Trindade apresenta em miúdos aspectos da organização burocrática integralista, que não será destacada aqui.⁸

O terceiro capítulo da parte da tese em que Trindade aborda AIB em si, é destinado ao estudo da ideologia do movimento. Trindade a expõe em cinco pontos que o autor destaca enquanto essenciais para caracterizar a ideologia. De modo que “No primeiro nível situam-se os fundamentos doutrinários da ideologia integralista que se elabora a partir de uma concepção do homem, da sociedade e da história”, em sequência, destaca no segundo ponto “as características da organização social e política do Estado integral”, no terceiro, aponta os “adversários a combater: o liberalismo, o socialismo, o capitalismo internacional e os judeus” no quarto “a posição dos teóricos integralistas face ao fascismo europeu” e por último aponta

⁸ Para mais, ver (TRINDADE, 1974, p. 164-188).

a “análise das atitudes ideológicas dos militantes” (TRINDADE, 1974 P. 199). Toda a análise de Trindade acerca da ideologia integralista nesse capítulo, é feita comparando-a com as ideologias fascistas. Em que o autor reconhece diversas semelhanças, mas também algumas diferenças que separam as ideologias.

Ao abordar os fundamentos doutrinários do integralismo, Trindade destaca essencialmente as posições de Salgado acerca da concepção de homem, mundo e sociedade – como dito acima. É nesse momento, portanto, que Trindade analisa a cosmovisão de mundo proposta por Salgado. Nesse nível de pensamento Salgado funda as bases filosóficas sob as quais desenvolve seu pensamento prático político. É interessante portanto ressaltar, que como Trindade destaca, a filosofia de Salgado aponta uma visão de mundo conservadora cristã, com aspirações ruralistas de uma sociedade campesina harmoniosa. Como afirma o autor:

A primeira frase do Manifesto proclama que “Deus dirige os destinos dos povos”. Esta concepção providencial da história relaciona-se com a crença no progresso moral do ser humano: “o homem deve praticar sobre a terra as virtudes que o elevam e o aperfeiçoam”. Por conseguinte, dentro da ética integralista de inspiração cristã, o valor do homem deve ser avaliado “por seu trabalho e sacrifício em favor da Família, da Pátria e da Sociedade”. (TRINDADE, 1974, p. 200)

E ao apresentar essa posição acerca do mundo, Trindade destaca a proposição de Salgado sobre a forma de organização efetiva do homem, da família e da sociedade, em que, de acordo com Trindade, Salgado tenta estabelecer a forma de organização do homem integral em sociedade, numa divisão hierárquica, em que a moral possa prevalecer. E nesse sentido, é possível analisar em Salgado uma divisão entre vida familiar e vida social, em que, de acordo com o chefe integralista, o Estado não pode intervir no núcleo familiar, o qual o homem se organiza para a propagação da espécie e satisfação dos deveres biológicos. E Trindade destaca ainda que para Salgado, o Estado – mais específico o município - se organiza através da unidade política de diversos grupos familiares (TRINDADE, 1974, p. 201). Destaca-se ainda nessa cosmovisão de mundo, a posição de Salgado acerca da história, em que o autor defende a história enquanto a evolução moral do espírito, em que a subjetividade, ou seja, as escolhas dos indivíduos devem ser conciliadas com a objetividade. Compreender essa posição de Salgado acerca da história é importante para apreender a noção dele de país geográfico e país geológico - que também é fundante para analisar sua proposta para o Estado Integral no Brasil.⁹

⁹ Ver em (CHASIN, 1978) e (TRINDADE, 1974).

Na análise destinada à apreensão da organização social e política do integralismo, Trindade destaca a importância da concepção de Estado Integral no integralismo, em que, ao analisar algumas obras de seus principais pensadores, é possível extrair delas duas concepções de Estado diferentes, que por fim convergem numa posição que toma o Estado enquanto princípio e fim do integralismo. Nas palavras de Trindade:

A idéia de Estado inserida no Manifesto é a de uma superestrutura autoritária, coroando a concepção espiritual-nacionalista contida no discurso ideológico. O Estado seria somente o regulador do equilíbrio social indispensável à vida do homem em sociedade. O Abecedário, no entanto, considera que o princípio fundamental do integralismo “é o de cooperação das forças produtoras nacionais para a realização progressiva do Estado Integral”. O Estado, portanto, torna-se princípio e o fim do universo ideológico integralista, cuja estrutura é descrita genericamente no documento (TRINDADE, 1974, p. 217-218)

E nesse momento, Trindade aponta uma diferença crucial entre dois chefes integralistas, Reale e o próprio Salgado. De modo que, de acordo com Trindade, enquanto Salgado prioriza a construção do debate acerca do homem – devido sua formação católica - Reale, por outro lado, tende a debater o Estado em si, e o coloca no centro de suas preocupações (TRINDADE, 1974, p. 218).

Ao analisar os inimigos do integralismo, Trindade tende a apontar para três inimigos claros do integralismo: o liberalismo, o socialismo e o judaísmo. A partir de então, Trindade tende em sua análise, a compreender a oposição do integralismo a esses inimigos, da mesma forma que o fascismo, mas sem negar também algumas especificidades da posição integralista. Nesse sentido, pode-se destacar enquanto uma constante nas três oposições, é a recusa do materialismo, que de acordo com os intelectuais integralistas, eram presentes no liberalismo, no socialismo e no judaísmo. De modo que Salgado, via um fio condutor direto entre o liberalismo e o socialismo, e pensava ambos como faces da mesma moeda.

A análise de Trindade sobre a relação entre o fascismo e o integralismo, perde poder probatório na medida que se utiliza quase somente de Reale para provar sua posição acerca da relação entre as ideologias. De modo que, apesar de Reale ser um dos três chefes nacionais, e efetivamente ter poder decisório e de influência na AIB, não era a força predominante no movimento. Trindade chega a afirmar que Salgado era o menos fascista dos três líderes nacionais, e cita umas cartas que Salgado diz estar admirado com o fascismo italiano, o que é fato. Mas isso não prova que o integralismo é pautado no fascismo, uma vez que, admiração pelo fascismo era algo comum na década de 1930, e simpatia não coincidia, entretanto, com

reprodução da ideologia.¹⁰ Entretanto, em relação à posição de Reale – e não do integralismo como um todo – acerca do fascismo, Trindade é elucidativo, e prova suas posições com passagens claras, em que Reale afirma a inspiração fascista para pensar o integralismo.

Acerca das atitudes ideológicas dos militantes integralistas Trindade se utilizou de entrevistas para tentar encontrar nos entrevistados coisas que os aproximasse dos ideais fascistas. Para tanto foram feitas entrevistas perguntando antigos militantes e dirigentes sobre posições que os identificariam enquanto fascistas. De acordo com Trindade:

O objeto da pesquisa era o de constatar nos integralistas a presença de dois elementos básicos à configuração de uma atitude do tipo fascista no Brasil entre as duas guerras. A primeira seria o grau de identificação dos integralistas com o fascismo; a segunda o grau de radicalismo ideológico dos militantes da AIB. Pretendia-se, pois, determinar o grau de conformidade entre as atitudes dos militantes integralistas e as principais dimensões da ideologia fascista e esperava-se que as atitudes ideológicas dos integralistas se situassem sempre mais à direita ideologicamente que as dos grupos-controlados de não-integralistas. (TRINDADE, 1974, p. 253)

Trindade destaca, entretanto, que a utilização dessas entrevistas não é para identificar o integralismo ao fascismo, mas sim estabelecer um grau de parentesco entre os principais temas debatidos por ambos.

¹⁰ Acerca da popularidade do fascismo no Brasil à época, ver Bertonha: "Observando o littorio do outro lado do Atlântico: a opinião pública brasileira e o fascismo italiano, 1922-1943".

3. JOSÉ CHASIN E HÉLGIO TRINDADE, UM DEBATE METODOLÓGICO

Apresentadas as duas teses, tendo sido destacadas de ambas os principais fatores, há que se fazer agora uma análise crítica em relação às propostas dos autores. O debate circunscrito nesse capítulo diz respeito a dois pontos dissonantes que serão postos em evidência aqui. O primeiro diz respeito à posição conflitante acerca do caráter do movimento integralista e sua relação com fascismo, e segundo a diferente metodologia usada pelos dois autores. A discussão acerca do caráter fascista, está interrelacionada à metodologia de análise utilizada pelos dois autores. De modo que ambos os autores se utilizam basicamente das mesmas fontes documentais, é a diferença de metodologia de análise que permite aos autores chegar em conclusões conflitantes.

Para compreender a metodologia de pesquisa utilizada por José Chasin, é necessário fazer alusão à já citada influência da obra *A destruição da razão* de Lukács. É a partir da obra do filósofo húngaro que Chasin apresenta sua forma de analisar o objeto – que ele chama de objeto ideológico -, e quais conclusões o autor tira desse objeto. O método utilizado por Jose Chasin é denominado pelo mesmo de “análise imanente”, em que o autor afirma a necessidade de uma pesquisa incessante do material a ser abordado – que em sua tese é a obra pliniana - buscando compreender também sua gênese histórica e função social. Nas palavras de Chasin

Assim, aqui, ao que foi dado consecução, designadamente tratou de concretar efetiva análise imanente do discurso pliniano, deixando em graus mais abstratos as determinações relativas a chão social em que aquele se pôs, e que no tríptico metodológico lukacsiano são designadas como análises de gênese e função social das ideologias. (CHASIN, 1978, p. 23)

Acerca da análise imanente, é possível compreender que Chasin está apontando para a - já citada anteriormente - necessidade de se ater ao próprio objeto – aqui o pensamento de Plínio - da análise, sem se valer de exterioridades estranhas à obra para defini-la. Em se tratando da gênese histórica, Chasin está apontando para a posição de Lukács, de que o pensamento é objeto da sociabilidade, portanto, diferentes lugares e períodos históricos, criam possibilidades para que surjam diferentes pensamentos. A partir dessa posição, os diferentes momentos do desenvolvimento histórico tornam possível o surgimento de certos pensamentos. Nas palavras de Chasin

Em outros termos, a formulação sintética de que partimos, logo à primeira

aproximação, implica reconhecer que o tratamento analítico de uma questão ideológica qualquer como qualquer outro fenômeno sócio-histórico) só pode ser dirimido se nos situarmos no terreno das relações entre o todo e as partes, na imprescindibilidade de relacionar a ideologia (parte) ao todo da existência social. (CHASIN, 1978, p. 60)

Acerca da função social, o que Chasin destaca é que, assim como um pensamento – objeto ideológico - existe dentro de um todo – sociabilidade -, esse pensamento surge como uma tentativa de responder aos problemas postos objetivamente, portanto tem uma função social específica. Desse modo, a função social é determinada pelo movimento feito pelo pensamento de tentar buscar soluções aos problemas objetivos.

É então, através da análise imanente, que busca compreender a gênese histórica e a função social do objeto ideológico, que Chasin apreende o objeto. Em suas próprias palavras

Numa formulação sintética, pode-se dizer que Lukács oferece-nos o conjunto de sua concepção metodológica ao estabelecer que a abordagem de um objeto ideológico implica na determinação de sua gênese e de sua função social. Porém isto não basta, há que necessariamente acrescentar àqueles dois pontos a crítica imanente, “um fator legítimo e até mesmo indispensável na exposição e no desmascaramento das tendências[...]”. (CHASIN, 1978, p. 59)

Bem como

Donde, só se compreende a natureza efetiva de uma entidade ideológica quando se articula a análise imanente dos textos que a explicitam com a investigação de sua gênese histórica e com a da função social que desempenha. (CHASIN, 1978, p. 73)

Chasin, como já destacado defende a posição de que o integralismo é uma forma de regressividade própria do capitalismo hipertardio brasileiro, e por isso não pode ser analisado como um movimento fascista. Essa posição é fruto da metodologia de análise que Chasin toma para si, em que se utiliza do pensamento lukacsiano, e afirma que para a análise de uma ideologia, se faz necessário que se compreenda sua gênese histórica e função social – como é explanado ainda no primeiro capítulo. Desse modo, ao analisar a gênese histórica e função social do integralismo, e tomando a análise do Lukács que faz o mesmo em relação ao fascismo, Chasin destaca que são duas ideologias essencialmente diferentes. Enquanto o integralismo, como já citado anteriormente, se apresenta enquanto uma proposta ruralista, voltada para a construção de uma nação isolada, contra o cosmopolitismo e a urbanização

promovido pela urbanização. O Fascismo, por outro lado, se apresenta enquanto uma alternativa acelerada para o desenvolvimento capitalista na Alemanha – que chega atrasada no processo de formação nacional se comparado à França e Inglaterra -, e tem como objetivo o avanço imperialista, bem como a construção de grandes centros urbanos e industriais. Isso já aponta, de acordo com a metodologia de Chasin, uma diferença clara de função social. E acerca da gênese histórica, as diferenças também se tornam claras, de modo que a Alemanha, na década de 1930, já era uma potência industrial competitiva, e o Brasil, país de passado colonial, ainda vivia da exportação de produtos agrícolas. Para além dessas diferenças de gênese histórica, existem outras que destaquei ainda no primeiro capítulo.

Portanto, na metodologia de José Chasin, de compreender as ideologias através de sua gênese histórica e função social, sua posição se prova. De modo que efetivamente, as diferenças acerca desses pontos se acentuam.

Por parte de Hélió Trindade, surge a proposta diametralmente oposta, apontando o integralismo enquanto um movimento fascista. E essa posição do autor, converge no sentido de sua proposta de metodologia de análise, em que Hélió Trindade busca destacar um certo número de similitudes entre ambos os movimentos para avaliar sua correspondência. De modo que esse método é afirmado por Trindade em seu texto quando afirma que:

Sem excluir a existência de outras formas possíveis do fascismo na América Latina, o estudo da Ação Integralista nos leva a concluir que os aspectos centrais de sua ideologia, a forma de organização altamente hierarquizada, o estilo carismático e autocrático do poder do Chefe e, inclusive, os rituais do movimento não se podem explicar sem a influência do modelo europeu de referência exterior. (TRINDADE, 1974, p. 278)

De modo que, os aspectos centrais para Hélió Trindade, como “forma de organização altamente hierarquizada” e “estilo carismático” não passam de questões formais – ou seja, questões de forma. Uma vez que, a partir daí, criam-se modelos abstratos, que podem ser encontrados em diversos momentos da história, e por isso podem perder seu poder explicativo. Enquanto Chasin, por outro lado, em sua metodologia de análise, enfoca aspectos determinantes que buscam compreender a particularidade do objeto – porque determina que com gêneses históricas e funções sociais diferentes, as ideologias são diferentes. Desse modo, no que Trindade destaca como essencial para destacar a similaridade das ideologias, pouco importa se uma tem caráter ruralista e tem como posiciona paulatinamente contra o avanço da indústria, e a outra por outro lado é uma ideologia industrializante. Pouco importa uma nascer

no Brasil alijado das disputas centrais do grande capital industrial enquanto a Alemanha está disputando colônias na África e Ásia - como salientado no primeiro capítulo.

Deve se destacar, que a posição de Trindade, que assume se utilizar de um método de “mimetismo ideológico” (TRINDADE, 1974, p. 278), pode por vezes ser redutora das diferentes realidades nacionais. De modo que busca fazer uma análise de um processo nacional, procurando em outros países modelos de processos históricos parecidos, e igualizando ambos. Essa forma de tentar explicar questões nacionais a partir de modelos explicativos externos, tende a ser reducionista frente à complexidade dos movimentos.

Entretanto, há que se compreender que a análise de Trindade, está efetivamente coerente com seu método, portanto se configura enquanto uma tese brilhante que – com razão - hoje é amplamente difundida. Uma vez que, se não é negado o pressuposto metodológico do autor, sua investigação não apresenta erros, na medida em que o autor aponta o que caracteriza o integralismo enquanto fascismo, e prova através da análise da AIB, que, de acordo com sua metodologia, o integralismo evidentemente se enquadra enquanto movimento fascista. E justamente por isso, a discussão aqui se restringe à metodologia utilizada por ambos os autores.

Por fim, podemos compreender que as divergentes posições se explicam nos modelos analíticos propostos. E nessa direção, há que se destacar, que a tese de Chasin, se além com maior enfoque às construções das particularidades nacionais, sem buscar modelos exteriores para explicar a formação de ideologias nacionais. E isso se destaca nos argumentos probantes utilizados por cada autor. Chasin apresenta sua proposição acerca do pensamento de Salgado, e o prova através dos próprios textos do autor. Trindade, por mais que se utilize também dessa metodologia, busca provar suas posições acerca do caráter da AIB, principalmente através de entrevistas de antigos militantes. E acaba então correndo o risco de ficar restrito ao subjetivismo de alguns militantes para compreender o movimento que tinha Salgado como chefe. Nesse sentido, a proposta de Chasin de trabalhar essencialmente com os textos de Salgado, e usar somente eles como recurso probante, parece ser de maior rigor.

Analisar a interlocução, e um possível confronto existente acerca das teses dos autores, é essencialmente uma tarefa árdua. Isso porque, se de um lado temos Chasin que escreveu posteriormente a Trindade, reservou um momento de seu livro - a introdução - para debater com a tese de Trindade. Trindade por outro lado, comentou publicamente acerca da tese de Chasin em poucos espaços. Entretanto, ousaremos aqui apresentar inicialmente um pouco dos comentários que fazem acerca da obra do outro.

Começamos inicialmente com os comentários de Chasin acerca da obra de Salgado, em que, há que se destacar, Chasin é o primeiro autor a contrapor a tese de Trindade acerca do caráter fascista do movimento integralista. E justamente por isso, o autor inicia seu texto buscando fazer uma crítica à tese de Trindade, em que aponta

Ressaltemos de início que, na sua identificação da natureza do integralismo, H. Trindade une fundamentalmente três pontos: a) o primeiro é uma tentativa de descrição da realidade brasileira, ao tempo da gênese do integralismo; empenha-se por caracteriza a época como sendo de forte tensão social, denotada primordialmente pela aceleração do processo de industrialização, e pela eclosão violenta da luta social. Emerge o perigo proletário, e radicalizam-se decisivamente as classes médias urbanas; b) o “clima intelectual” brasileiro do após-guerra, no qual o integralismo busca suas raízes nacionais; c) e a determinante fundamental constituída pelo contexto do fascismo europeu.” (CHASIN, 1978, p. 38-39)

E que, entretanto, ao falar ao autor, argumentos suficientes para apontar uma coincidência de fatores objetivos e subjetivos entre Brasil e Alemanha e Itália da época, Chasin aponta que Trindade recorre ao recurso mimético para , através de exterioridades identificar a semelhança entre as ideologias

Em face da evidente debilidade, tato dos fatores objetivos, como dos fatores subjetivos, sobre os quais pretendia estender a tese, o autor é obrigado a fazer intervir o fenômeno mimético. De fato a realidade concreta dos anos 20 e 30, no Brasil, não se informa ao perfil próprio do fascismo, nem, em decorrência, a produção intelectual da época (no Capítulo IV detalharemos um pouco mais a discussão). (CHASIN, 1978, p.40)

E aponta ainda que a utilização do recurso mimético tende a reduzir as questões da essência de uma ideologia. Que de acordo com Chasin - como dito anteriormente - diz respeito à gênese histórica e função social do pensamento.

Os comentários de Trindade à tese de Chasin se restringem a uma entrevista dada por Héglio aos professores Rene Gertz, Leandro Pereira Gonçalves e Vinicius Liebel, a respeito dos 45 anos da defesa da tese de Héglio. E quando perguntado acerca da repercussão acadêmica, Trindade comenta que

Na realidade, o único trabalho que teve por ambição ser a antítese da minha tese, foi o de José Chasin em 1978 (O Integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hipertardio). Chasin adotou uma abordagem teórico-metodológica que referendasse a impossibilidade de um movimento fascista no Brasil, usando, de forma dogmática, a posição do teórico marxista G. Luckacs: num país de capitalismo hipertardio não poderia haver fascismo.

Toda sua pesquisa e análise foi um esforço para negar qualquer conteúdo fascista à AIB em decorrência de sua premissa dogmática. Ademais, para tal demonstração, utilizou apenas as obras de Plínio Salgado, excluindo as contribuições de Miguel Reale, Secretário Nacional de Doutrina, e Gustavo Barroso, cujas obras inspiravam-se, respectivamente, nos teóricos do fascismo italiano ou no ideário nazista, com forte conteúdo antissemita. (GERTZ; GONÇALVES; LIEBEL, 2016, p. 196)

É possível analisar que a crítica de Trindade a Chasin aponta para dogmatismo do autor por compreender a impossibilidade do fascismo se desenvolver no Brasil, bem como ao déficit de análise de Chasin, que restringe sua análise aos textos de Plínio Salgado, que de acordo com Trindade, entre os três líderes era o menos fascista.

3.1 Entre o mimetismo e a análise materialista

A dificuldade em estabelecer qual das teses apresenta a interpretação mais fidedigna do caráter do movimento integralista, diz respeito à projeção que o debate entre os autores reproduz. Uma vez que o debate entre o mimetismo utilizado por Héglio, bem como o materialismo de Chasin, se assemelham ao debate existente nas ciências sociais, e na esquerda de modo geral, durante as décadas de 1950, 1960 e 1970. A saber, o debate acerca da formação nacional. O que não quer dizer que estejam Chasin e Héglio necessariamente tomando posição nesse debate existente, entretanto, suas metodologias replicam a discussões que perfilava esse debate na época. Não cabe aqui apresentar todo o debate, se não, em verdade, seus principais expoentes.

O debate apresentado acima, o qual discutia a formação nacional, foi dividido em dois grandes expoentes. De um lado, como tese central do principal partido de esquerda da época, o Partido Comunista Brasileiro, com seus diversos intelectuais. E de outro Caio Prado Junior, também membro do PCB, mas com uma posição contrária acerca da formação nacional.

O PCB apresentava em sua linha central, uma posição que interpretava dogmaticamente o pensamento de Marx, buscando compreender o Brasil enquanto uma fase anterior do capitalismo, o sistema "semifeudal", e que para se tornar efetivamente capitalista, deveria, tal como França e Inglaterra, passar por uma legítima revolução burguesa. E a partir dessa posição, o PCB, durante décadas buscou se aliar à chamada burguesia nacional, com a intenção de guiá-los à revolução.

Esforçando-se por conduzir à luta contra o imperialismo e o latifúndio as mais amplas massas da população brasileira, inclusive a burguesia nacional, os comunistas exercerão seus esforços principais na mobilização do proletariado e na formação de uma sólida aliança política com as outras forças fundamentais da revolução — os camponeses e a pequena burguesia urbana — a fim de colocar o proletariado em condições de conquistar o papel dirigente no bloco das forças revolucionárias e do poder estatal estabelecido com a vitória da revolução nacional e democrática. (Resolução Política - VI Congresso: Partido Comunista Brasileiro: Dezembro de 1967, 2016)

Onde a revolução nacional e democrática, apoiada pela burguesia nacional - aquela não entreguista -, se apresenta enquanto a revolução burguesa no Brasil.

Essa posição, compreendia a história enquanto uma sucessão linear de fatos, que ocorrem da mesma forma em diferentes países, e que são portanto, uma via única para se alcançar o capitalismo. De modo que, toma França e Inglaterra como modelo, e busca transplantar à realidade brasileira, os mesmos processos históricos que ocorreram nesses países. Se reproduz aqui, um conhecimento mimético da realidade.

Caio Prado Junior, por outro lado, em seu livro "*A Revolução Brasileira*", busca apresentar que o capitalismo já havia se desenvolvido no Brasil, entretanto, por outras vias, e que devido às especificidades nacionais, a forma de consolidação do capitalismo, se daria - como de acordo com o autor, efetivamente se deu - de formas diferentes. Onde apresenta que:

Transportou-se para cá, encaixando arbitrariamente e sem nenhum espírito crítico na evolução histórica brasileira, a situação da Europa egressa da Idade Média e do feudalismo cuja economia agrária, tão distinta da nossa, se caracterizava essencialmente pela presença de uma economia e classe camponesas, isto é, uma estrutura econômica e social de pequenos produtores individuais constituída de unidades familiares voltadas essencialmente para a produção de subsistência e onde o mercado representava papel secundário e subsidiário. (PRADO JR, 1978, p. 78)

A partir dessa posição, Caio Prado apresenta que não há possibilidades, devido ao caráter subalterno da burguesia nacional, de serem eles os portadores de qualquer processo revolucionário no país. E que por esse motivo, o surgimento do capitalismo brasileiro se desenvolveu não através de uma revolução burguesa, mas processos de rupturas e continuidades com a estrutura escravagista nacional. E acerca da forma que as propostas políticas devem ser tomadas, comenta Caio Prado:

Em consequência, a solução dos pendentes problemas econômicos, sociais e políticos, e as reformas institucionais que se impõem, não de ser procuradas e encontradas nas mesmas circunstâncias em que tais problemas se propõem. Nelas e somente nelas se contêm as soluções cabíveis e exequíveis. É no mesmo processo histórico de que participamos na atualidade, e em que se

configura a problemática que enfrentamos, que se configuram também as respostas e essa problemática e as diretrizes que se têm de adotar a seguir. (PRADO JR, 1978, p. 14)

Essa posição, de compreensão da realidade nacional frente às suas especificidades, buscando não se valer de modelos exteriores de formação nacional, se assemelha à posição tomada por Chasin em sua tese.

O objetivo aqui, não é entrar no mérito de qual posição estava certa ou errada. Mas meramente apresentar como o debate entre José Chasin e Hélió Trindade, está circunscrito nos grandes debates das ciências sociais do século passado, e que portanto, qualquer análise que busca compreender de forma aprofundada a posição dos autores, deve se ater a essas questões de fundo.

CONCLUSÃO

Esse trabalho teve como objeto de pesquisa as obras "*O integralismo de Plínio Salgado*" e "*Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*", de José Chasin e Héglio Trindade respectivamente. Aqui é analisado as diferentes perspectivas dos autores acerca do integralismo, e mais específico acerca da possível relação entre integralismo e fascismo. Essa monografia, portanto, foi escrita através da análise da obra dos dois autores.

Por fim, foi possível chegar à conclusão de que as obras dos autores, apesar de usarem a mesma bibliografia e terem temática semelhante, diferem em sua metodologia. É, portanto, a metodologia diferente que faz os autores discordarem acerca do caráter do integralismo brasileiro. De modo que, enquanto José Chasin na sua metodologia de análise, se apropria de Lukács para compreender o integralismo, e portanto, busca compreender a gênese histórica e função social da ideologia. Héglio Trindade, por outro lado, compreendendo a realidade brasileira enquanto um ambiente propício para o surgimento de ideias fascistas, analisa o integralismo por meio do mimetismo, compreendendo o movimento enquanto o fascismo brasileiro - mesmo compreendendo e apontando algumas diferenças entre os movimentos.

É necessário destacar, entretanto que essa pesquisa ainda está em aberto. O integralismo, apesar de hoje mover muitos estudos, é uma temática ainda pouco estudada, principalmente devido ao caráter recente dos estudos acerca do tema no Brasil, em que a primeira tese de doutorado sobre o tema é a de Trindade na década de 70. E por isso Chasin e Trindade devem receber destaque, na medida que, enquanto precursores desse estudo no Brasil, que hoje, se amplia cada vez mais, suas teses e o debate existente nelas, ainda está em aberto e serve de fundamentação básica para qualquer estudo sobre integralismo no Brasil. Portanto, esse trabalho tem como pretensão, servir como incentivo para que os graduandos dos cursos das ciências humanas se interessem cada vez mais pela temática do integralismo, e que busquem através dos clássicos sobre o tema, compreender esse movimento reacionário que marcou a história do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDRT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CHASIN, José. **A miséria brasileira: 1964-1994 - do golpe militar à crise social**. -Santo André (SP): Estudos e edições Ad Hominem, 2000.

_____. **O Integralismo de Plínio Salgado: Forma de regressividade no Capitalismo Hiper-tardio**. Livraria Editora Ciências Humanas LTDA.: São Paulo, primeira edição, 1978.

CHAUÍ, Marilena. 1978. **Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira**. In: CHAUÍ, Marilena & FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. *Ideologia e mobilização popular*. Rio de Janeiro: CEDEC / Paz e Terra.

GERTZ, René E.; GONÇALVES, Leandro Pereira; LIEBEL, Vinícius (Entrevistadores). **Camisas Verdes, 45 anos depois – uma entrevista com Hélgio Trindade**. Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 189-208, jan.-abr. 2016.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado - Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Contraponto, Brasil, 2006.

LUKÁCS, Georg. **El asalto a la razón**. Budapest 1953. Edición: Fondo de cultura económica. México, 1959.

PRADO JR, Caio. **A Revolução Brasileira**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1978.

RAMOS, Alexandre Pinheiro. **Intelectuais, carisma e ação integralista brasileira**. 1. ed. - Rio de Janeiro : Garamond, 2015.

Resolução Política - VI Congresso: Partido Comunista Brasileiro: Dezembro de 1967. **Problemas Políticos do Movimento Comunista e Operário Internacional**, Lisboa, n. 9, jan./dez. 2016. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/tematica/1967/12/resolucao.htm>>.

SALGADO, Plínio. **Carta aos camisas verdes**. Livraria José Olympo Editora, Rio de Janeiro, 1935.

_____. **O que é integralismo**. Ed. Star, 1993.

_____. **O integralismo na vida brasileira**. Livraria clássica brasileira, Rio de Janeiro, 1958.

_____. **O integralismo perante a nação**. Livraria clássica brasileira, Rio de Janeiro, 1950.

SARTÓRIO, Lúcia Ap. Valadares; ASSUNÇÃO, Vânia Noeli Ferreira de. **A trajetória de J. Chasin: teoria e prática a serviço da revolução social**: entrevista com os Profs. Drs. Antonio Rago Filho e Ester Vaisman. Verinotio revista on-line – n. 9, Ano V, nov. 2008.

TRINDADE, Hégio. **A tentação fascista no Brasil: imaginário de dirigentes e militantes integralistas**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2016.

_____. **Integralismo: o Fascismo Brasileiro na Década de 30**. Editora Difel: São Paulo, 1974.

VASCONCELLOS, Gilberto. **A ideologia curupira: Análise do Discurso Integralista**. Editora Brasiliense: São Paulo, 1979.

_____. **A Ideologia Curupira: análise do discurso integralista**. 2º ed. Porto Alegre: EDIPUCRS; Recife: EDUPE, 2017.